

EDUCAÇÃO FÍSICA E IDENTIDADE MASCULINA FRANCESA NO FINAL DO SEGUNDO IMPÉRIO¹

Jean Saint-Martin

Université Strasbourg, 3S, UR-1342

jsaintmartin@unistra.fr

Envio original: 05-09-2022. Aceitar: 29-09-2022. Publicado: 09-10-2022.

Resumo

Enquanto a derrota do exército austríaco contra o prussiano ressoava na França, os atores da Educação Física procuraram demonstrar a necessidade de educar física e moralmente os jovens franceses. No território francês, procurou-se associar o corpo militar ao corpo escolar para construir prioritariamente uma ginástica com características mais francesas, sinônimo de uma virilidade ao mesmo tempo individual e coletiva. Napoleão III ficou muito sensível a esta questão e ordenou que seu Ministro da Instrução Pública, já em 1866, realizasse uma auditoria na educação física presente nas escolas do Segundo Império. Mas nada ainda sugeria o papel central que os atores deste ensino deveriam desempenhar, visto que ele permaneceu antes de 1869 e especialmente em 1880 ainda facultativo nas escolas francesas. Além da natureza obrigatória desse ensino, uma nova definição de masculinidade foi instalada na sociedade francesa do período.

Palavras-chave: Educação Física, masculinidade, França, francidade gímnica².

La educación física y la identidad masculina francesa al final del Segundo Imperio

Resumen

Mientras la derrota del ejército austríaco frente al prusiano resonaba en Francia, los actores de la Educación Física buscaban demostrar la necesidad de educar física y moralmente a los jóvenes franceses. En territorio francés se procuró asociar el cuerpo militar al cuerpo escolar para construir ante todo una gimnasia con un carácter más francés, sinónimo de una virilidad tanto individual como colectiva. Napoleón III fue muy sensible a este tema y ordenó a su Ministro de Instrucción Pública, ya en 1866, realizar una auditoría de la educación física presente en las escuelas del Segundo Imperio. Pero nada sugería el papel central que debían jugar los actores de esta enseñanza, ya que permaneció antes de 1869 y especialmente en 1880, todavía opcional en las escuelas francesas. Además del carácter obligatorio de esta enseñanza, se instaló en la sociedad francesa de la época una nueva definición de masculinidad.

Palabras clave: Educación Física, masculinidad, Francia, francidade gimnástica.

Physical education and French male identity at the end of the Second Empire

Abstract

Whereas the defeat of the Austrian army by the Prussian army still resounds in France, the actors of French physical education try to show the need for educating physically and morally the French Youth.

¹ Texto com tradução do original em francês realizada pelo Prof. Dr. Marcelo Moraes e Silva (UFPR/Brasil) com revisão da Profa. Dra. Daniele Cristina Carqueijeiro de Medeiros (UDELAR/Uruguay) e Profa. Dra. Evelise Amgarten Quitzau (UFV/Brasil).

² N.T.: no original “francité gymnique”. Optamos por manter a palavra “francidade”, que significa “um conjunto de características próprias da cultura francesa, da comunidade francófona”.

On the national Territory, everybody tries to associate military body and school body to building in priority a Gymnic Frenchness, synonym at the same time of one individual and collective Virility. Immediately, Napoleon III remains very sensitive to this question and orders to his Minister for the National Education one audit of physical education in the school of the Second Empire since 1866. But nothing lets predict the central role which will have to hold the actors of this teaching which remains before 1869 and especially 1880 still optional in the school of the French Nation. Beyond the obligatory character of this teaching, it's really a new definition of the masculinity which is promulgated in the French Society of this time.

Keywords: Physical Education, masculinity, France, Gymnic Frenchness.

Introdução

Durante o último terço do século XIX, quando a derrota do exército austríaco frente ao prussiano ainda ressoava, os atores da educação física, da ginástica e mais raramente dos esportes, dada sua confidencialidade na França entre 1866 e 1881, procuravam promover suas ideias educacionais em território francês (Hubscher; Durry, 1992; Riordan; Krüger; Terret, 2004). Para legitimar seu discurso, tudo parecia permitido, incluindo a alusão explícita à derrota militar da Áustria contra a Prússia, uma derrota que, no entanto, não envolveu diretamente o exército francês (Renouvin, 1954). As consequências geoestratégicas das derrotas de Sadowa e Sedan constituem para muitos observadores franceses uma chance adicional de convencer da necessidade de educar física e moralmente a juventude francesa em torno de um novo ideal masculino. No território nacional, este interesse não era isento de desafios, pois se tratava de associar de forma ainda mais explícita a noção de “corpo militar”³ à de corpo escolar para construir com urgência uma ginástica mais francesa, sinônimo de virilidade individual e coletiva (Terret, 2004). De uma maneira geral o peso efetivo e simbólico das relações franco-alemãs participou da construção do “arquétipo do bom cidadão” (Pena-Ruiz, 1999) francês.

Percebendo favoravelmente a ginástica prussiana após a derrota austríaca em Sadowa, Eugène Paz⁴ e Jean-Baptiste Hillairet⁵, ao tornar sagrada a nação francesa contribuíram, cada um à sua maneira, para uma germanofilia cultural. Para estes dois autores, trata-se de promover a identidade francesa inspirando-se nas iniciativas prussianas em matéria de educação física de jovens, enquanto Napoleão III continuava muito sensível a esta questão, ordenando ao seu Ministro da Instrução Pública uma auditoria na educação física presente na escola do Segundo Império. Porém, em 1866, nada ainda

³ Expressão emprestada de Alain Ehrenberg (1983).

⁴ Eugène Paz (1836-1901) criou em 1865 a *Grand Gymnase* de Paris, onde toda a Paris mundana se encontrava. Seus escritos no *Le Petit Journal* atraíam opiniões sobre a necessidade da prática da ginástica nos liceus e nas faculdades. Ele denunciava a educação homicida que reinava ali e que ameaçava o país. Em 1868, Victor Duruy, Ministro da Instrução Pública de Napoleão III, o encarregou de estudar ginástica em toda a Europa (Defrance, 1981; Andrieu, 1999).

⁵ Jean-Baptiste Hillairet foi médico do hospital *Saint-Louis* e do liceu *Saint-Louis*. Em 15 de fevereiro de 1868 foi nomeado pelo Ministro da Instrução Pública, Victor Duruy. Ele já havia publicado dois relatórios sobre ginástica, o primeiro em julho, que apresentou perante a comissão administrativa dos liceus de Paris sobre ginástica, e um segundo, que também abordava a ginástica e que remeteu a Victor Duruy em 27 de dezembro de 1866.

sugeria o papel central que seria desempenhado pelos envolvidos nessa educação, que ainda era opcional na escola francesa antes de 1869 e, sobretudo, no ano de 1880 (Arnaud, 1986). Além da obrigatoriedade que então lhe foi atribuída, tudo sugere que se tratava de fato uma nova definição de masculinidade que se promulgou na sociedade francesa da época (Maugue, 1987).

A derrota de *Sadowa* (1866) e as iniciativas francesas

No último terço do século XIX, a referência à Prússia testemunhou uma atração cultural que assumiu necessariamente um sentido num contexto geopolítico muito específico. Já em 1872, Michel Bréal (1872, p.2-3), fundou uma demanda por uma profunda reforma escolar, incitando vigorosamente os republicanos “(...) a não esquecer que somos o país mais rebelde às reformas reais, os mais fiéis às tradições seculares”⁶. Não é nem mais nem menos “(...) tomar um modelo aos nossos adversários (...)”, ideia que agradava aos responsáveis da Ecole Monge e da Ecole Alsacienne que, aliás, foram as primeiras escolas a tornar obrigatório o ensino da educação física e assim desenvolver-se em seu seio a prática do esporte escolar.

Além disso, como sublinha Alain Ehrenberg (1983), as mais brilhantes vitórias militares francesas não foram conquistadas apenas no campo de batalha, mas no desejo de construir um ideal de identidade masculina muito antes do jovem ingressar no Exército. Esse treinamento inicial de soldados contribui para o que Raymond Aron (1984) chamou de poder de uma nação em tempos de paz. Nessa perspectiva, os desafios educacionais da educação física obrigatória na escola ou da institucionalização dos primeiros esportes estavam totalmente de acordo com uma lógica geoestratégica. As convulsões do palco político nacional e internacional, combinadas aos efeitos da revolução industrial facilitaram, de fato, uma situação de rivalidade favorável à reconstrução das identidades nacionais (Thiesse, 1999).

A prioridade dada às relações franco-alemãs em matéria de Educação Física não ocorreu por acaso. Na França, legitimou-se um discurso já latente em favor da “pátria republicana” (Lestocquoy, 1968), até mesmo a favor de um nacionalismo de defesa (Girardet, 1966). Presentes desde a derrota de Sadowa, em 3 de julho de 1866, essas duas formas de exaltação do sentimento nacional francês se justificaram não só no que diz respeito ao poder militar da Alemanha, mas também ao seu poderio econômico, ambos herdados de um Estado forte, a Prússia, que escolheria desaparecer para se fundir numa entidade maior, a unificação alemã (Kerautret, 2005).

Nesta partida de xadrez em grande escala, o eixo franco-alemão estruturou tanto as noções de francidade quanto a de germanidade, visto que colocava a dupla franco-alemão no centro desse duplo

⁶ Segundo argumenta Denis (2003), o exemplo de aulas práticas foi particularmente esclarecedor quando se tratou de destacar o possível atraso da França em relação à Alemanha.

processo (Lipiansky, 1991). Se Napoleão III dirigiu pessoalmente “uma barganha medíocre” (Girard, 1986), Bismarck orquestrou uma verdadeira política de blefe com o objetivo de enfraquecer a França no tabuleiro geopolítico europeu⁷. As consequências de Sadowa foram, portanto, decisivas nas escolhas francesas em matéria de educação física. Eles revelaram o “poder prussiano” (Renouvin, 1994, p.626), fazendo rapidamente aparecer um “perigo alemão” (Poidevin; Bariéty, 1977, p.70). Tal poderio foi confirmado pela derrota dos exércitos franceses na Batalha de Sedan em 2 de setembro de 1870.

Segundo Eugène Paz (1868, p.1), “(...) a causa mais determinante da ascendência assumida pela Prússia após os grandes acontecimentos de 1866 pode ser atribuída aos benefícios da educação ginástica que se recebeu na Prússia e que foi até agora negligenciada na Áustria”. Para este observador francês, a educação obrigatória de ginástica na escola tornou-se um requisito prévio ao processo de recrutamento militar. Os resultados observados do outro lado do Reno convenceram Eugène Paz da necessidade de introduzir na França uma educação física inspirada no modelo prussiano, ou seja, uma educação física marcada pela ordem e pela disciplina⁸. Eugène Paz (1868, p.6) reconheceu isso explicitamente ao declarar:

(...) que no Império francês, a instrução do aparelho deve ser cultivada particularmente nas regiões Noroeste, Oeste e Sul, sendo essas regiões especialmente chamadas, pela sua posição geográfica, recrutando nossa marinha. O Norte, o Leste e o Centro poderiam muito vantajosamente substituir os exercícios de cordas por aqueles não menos benéficos da corrida simples e por obstáculos, que encontrei na Alemanha, desenvolvidos em um grau muito notável.

Finalmente, à título de conclusão, Eugène Paz (1868, p.13), desejou a seguinte questão: (...) para ir mais longe que os próprios alemães: eu gostaria de estreitar o domínio da caserna para alargar além da medida a sala de ginástica e (...) o manuseio da arma de fogo, passando a ser obrigatório no décimo-sexto ano para todas as classes sociais e todos os níveis de ensino.

Tal atitude não surpreende, visto que após a derrota de Sedan e seu engajamento com a promoção das “sociedades constritivas” francesas (Arnaud, 1988), Eugène Paz fomentou a educação física como peça central na construção da identidade masculina. Na verdade, ele considerava o cidadão-soldado como um modelo de masculinidade hegemônica (Rauch, 2000), juntando-se a Louis Lenoël. Ambos concordavam em apresentar a ginástica “(...) como um ensino favorável ao desenvolvimento de seus órgãos” (Lenoël, 1867, p.1). Há muito tempo desconhecido ou negligenciado nas escolas francesas,

⁷ De acordo com P. Renouvin (1994) esta foi uma verdadeira política de humilhação, pois Napoleão III respondeu à estratégia alemã com muita pouca habilidade e imprudência. Quanto a Otto Von Bismarck (1815-1898), conferir Gal (1984).

⁸ Eugène Paz (1868, p.4) foi particularmente seduzido pelas iniciativas dos alemães do norte que identificaram “(...) sua ginástica com o sentimento de patriotismo”. No *Le Moniteur de gymnastique* de 15 de dezembro de 1868, na página 2 ele rendeu homenagem aos espíritos iluminados que entraram na competição na região Nordeste para contribuir com o grande movimento de reabilitação do corpo, fundando “(...) em imitação da Alemanha, Suíça, Bélgica, Itália, Inglaterra, Suécia e Estados Unidos, de sociedades onde as pessoas se encontravam e nas quais tinham com rara inteligência elaborado regulamentos cujos três termos capitais eram: fraternidade, moralidade, saúde”.

ainda era objeto de desprezo por lá, e, “(...) para os alunos uma arte sem utilidade, que lhes oferecia apenas cansaço, até mesmo perigos, sem qualquer compensação” (Leonël, 1867, p.1); preconceito que ambos a partir desse momento pretendiam combater.

Ao responder uma publicação de 1868 de Victor de Laprade, Eugène Paz tentou encontrar soluções para a “educação homicida” que denunciava e que havia constatado em suas múltiplas missões de inspeção nos estabelecimentos escolares (Paz, 1869). Depois de prestar uma vibrante homenagem às iniciativas das sociedades de ginástica da Alsácia, ele se dedicou principalmente ao desenvolvimento da ginástica masculina, embora tenha redigido um capítulo sobre a ginástica feminina. Restava, de fato, a urgência de afirmar uma ginástica afinada com a identidade francesa, em que a identidade masculina fosse privilegiada.

Para aprender “(...) a desprezar o medo e enfrentar o perigo com bravura (...)” (Paz, 1868, p.44), ele apelava para que a educação física dos meninos fosse resolutamente orientada para os valores relativos à força, à coragem, à gentileza, à saúde, à imaginação sã e poderosa e à aptidão para o trabalho. Em nome da higiene social e das teorias positivistas relativas à degeneração da raça, Eugène Paz introduziu uma nova variável, a do eixo franco-alemão, que se tornava decisiva na construção de uma francidade gímnica⁹. Essa variável foi reforçada pela ação de Jean-Baptiste Hillairet (1869, p. 291) que observou que “(...) a ginástica (lá) entrava muito melhor do que na França nos costumes e hábitos da população”.

Seja qual for o discurso, uma tomada de consciência ocorre na França nos meses finais do Segundo Império. A iniciativa de Victor Duruy, ministro francês da Instrução Pública, a correlação de forças no cenário geopolítico contribui para o fortalecimento da identidade francesa no que se refere ao significado atribuído às aulas de ginástica nas escolas. A disseminação na França do modelo prussiano de educação física se beneficiou de circunstâncias favoráveis. As vitórias militares prussianas obtiveram um eco original a ponto de legitimar a publicação do decreto imperial de 3 de fevereiro de 1869, que tornava a ginástica obrigatória nos liceus, faculdades e escolas normais primárias francesas, vinte e sete anos após a Prússia ter tomado a mesma decisão.

Em seu relatório, Jean-Baptiste Hillairet dedicou nove páginas à Alemanha, contra somente uma página para a Suíça, considerada o berço da ginástica moderna (Bussard, 2007), e uma página para a Suécia, que desde o início do século XIX multiplicou as inovações relativas à ginástica. Ao passar em revista os diferentes Länder alemães, Jean-Baptiste Hillairet descreveu a presença do ensino da educação física nos vários programas e até se permitiu uma ligeira alusão à Áustria, nação que foi derrotada pelos prussianos em Sadowa:

⁹ De acordo com Delheye (2003), este também foi o caso da Bélgica, visto que, em 1877, os militares belgas defendiam a ginástica inspirada em Eugène Paz como parte da reconstrução de sua identidade nacional.

Em todas as partes da Alemanha e na Áustria foi onde a ginástica, como um ensino pedagógico e militar, foi mais completamente negligenciada (...) mas as tristes consequências da guerra de 1866 abriram os olhos, e sem demora, o Governo pensou em organizá-lo de uma maneira geral (HILLAIRET, 1869, p.296).

A prioridade dada neste texto às iniciativas alemãs estava totalmente de acordo com a germanofilia de uma parte da opinião pública da época¹⁰. Além disso, levava em consideração a nova lei de alistamento militar, a Lei de Niel¹¹, que pelo menos parcialmente, impunha o serviço militar a todos os cidadãos. Para Hillairet (1869, p.281), ocorreu de fato um grande interesse nesses exercícios pré-militares, “que são ensinados em quase todos os ginásios públicos da Europa e especialmente na Alemanha e na Suíça, etc (...)”, sendo algo próximo do currículo escolar de educação física.

No entanto, Arnaud (1991, p.33), para quem “(...) a genialidade do relatório Hillairet é ter podido aproveitar a oportunidade oferecida pela nova lei de alistamento militar (...)”, mostra os limites deste texto e as suas repercussões na região de Lyon (Arnaud, 1986). Ao querer distinguir a ginástica militar da ocorrida nos liceus e escolas, o ministro da Instrução Pública se recusou a militarizar os jovens franceses frequentadores dos bancos das escolas. Na melhor das hipóteses era para prepará-los para que mais tarde se tornassem excelentes soldados. Portanto, aqui visualiza-se que o decreto imperial não refletiu totalmente o entusiasmo de Eugène Paz, mas respondeu em termos de identidade masculina a ser promovida em todo território nacional.

Ao afirmar a necessidade de endireitar a juventude francesa por meio da ginástica, de acordo com os propósitos e usos da instituição escolar, Victor Duruy estava participando da construção de uma identidade masculina. Nesse sentido, concordava com Eugène Paz que preconizava o ensino obrigatório de uma ginástica da inteligência e do corporal, ou seja, uma prática que ensinasse o jovem a se disciplinar tanto corporalmente como espiritualmente. Em outras palavras, a obrigatoriedade da ginástica escolar imaginada por Victor Duruy combatia “la dolce farniente¹²” que já havia desaparecido do outro lado do Reno.

Ao institucionalizar na França a escolaridade obrigatória da ginástica no ensino secundário, o Decreto Imperial de 3 de fevereiro de 1869 cumpriu um compromisso entre os partidários de uma

¹⁰ Segundo André Armengaud (1962), estes eram os campeões de nacionalidades, os amantes da glória militar, os partidários da revolução, as mentes imaginativas, as almas apaixonadas por emoções, os personagens impetuosos e ávidos de ação enquanto o partido orleanista denunciava desde cedo as ambições prussianas e apelava para as reformas militares antes que o governo as fizesse.

¹¹ A lei de Niel, publicada em 14 de janeiro de 1868 reorganizou o exército francês e constituiu uma Guarda Nacional, um verdadeiro contingente de reserva para aqueles que não foram convocados para o exército ativo. Napoleão III, desejava estabelecer um serviço militar próximo ao regime prussiano, no entanto, enfrentou oposição feroz dos principais líderes militares e deputados apoiados pela opinião pública francesa. Para François Caron (1985, p.184): “(...) toda a opinião pública foi responsável pelo fracasso de uma reforma militar real. As elites francesas não tiveram coragem de dizer a verdade à nação. Elas foram, portanto, as primeiras responsáveis pela derrota”.

¹² N.T.: Expressão italiana utilizada para designar a doce ociosidade.

importação total de um modelo prussiano e do ideal masculino que ele fundamentava e entre aqueles que reivindicavam uma educação física francesa específica e fiel à tradição amorosiana. Este Decreto Imperial confirmou as conclusões de Armengaud que evocou tanto essa necessidade de reconstruir a identidade nacional francesa quanto o desejo da opinião pública por paz, em vez de uma “(..) atitude prussófila, constatando que isso é verdade em alguns jornais parisienses (...)”. Ao seguir o exemplo deste autor é possível distinguir na França “(...) o alvoroço de alguns jornalistas parisienses em prol da Prússia e o imenso boato que, das profundezas de suas províncias, se ergueu contra as ambições prussianas e contra a política imprudente que favorecia seus desígnios” (Armengaud, 1962, p.116). Por terem importado as realizações prussianas em matéria de educação física pré-militar, sem levar em conta a especificidade francesa, os líderes políticos pareciam estar se afastando de parte da opinião pública francesa e de sua aspiração pela paz (Aron, 1984).

Um mês após a publicação do Decreto Imperial, a circular de 9 de março de 1869 voltou a insistir na utilidade da ginástica para os meninos nas escolas rurais, especificando que esse ensino “(...) substituiria de uma maneira feliz a vagabundagem ocorrida nas ruas ou nas praças, invadindo os campos ou destruindo ninhos de pássaros na floresta” (Archives..., 1869, p.204). Enquanto a geração jovem se debilitava pela influência do trabalho e os corpos das crianças carregavam tais vestígios, o ensino da ginástica era justificado por seus benefícios sanitários, mas também pelos morais. Os movimentos cadenciados, conduzidos pelo mestre representam assim uma disciplina do corpo e uma disciplina do espírito. Finalmente, este ensinamento permitia que os jovens fossem fortes para estarem em paz, porque deveriam estar “acostumados desde cedo àqueles exercícios ginásticos que, ao aumentarem a força e a destreza do homem de coração, lhes permitem socorrer às pessoas em perigo, correr onde os inábeis não podem ir, fazer mais do que eles, sem se expor a desvantagens, e de cumprir às vezes resgates heroicos que a multidão aplauda e que o Imperador recompense” (Archives..., 1869, p. 204)

Enquanto a identidade nacional alemã se fortalecia contra a França, o conflito franco-prussiano se reduzia a uma batalha que opunha o heroísmo desesperado dos franceses contra a formidável artilharia prussiana. Um mês e meio depois de declarar guerra a Bismarck, Napoleão III se rendeu, cercado em Sedan em 4 de setembro de 1870¹³. Para François Caron (1985, p.209), “(...) o medo da guerra, o ódio ao Império levava à falta de preparação e a derrota. A cegueira dos oficiais generais só se compara à irresponsabilidade dos políticos”.

Educação física e virilidade nacional

¹³ A derrota do exército francês em *Sedan* levou à queda de Napoleão III e à constituição do governo conhecido como Defesa Nacional.

Após a batalha de Sedan, a vitória prussiana foi total. Bismarck não só derrubou o Império, mas seguiu, em total acordo com a opinião pública, uma política que era cada vez mais inaceitável aos olhos dos republicanos franceses. Ao reclamar a rendição de Estrasburgo e a ocupação de Mont Valérien, a oeste de Paris, ele provocou em toda a França um sentimento de humilhação nacional, estabelecendo indiretamente as bases para um consenso republicano (Mayeur, 1984). A única coisa que passava a importar era a salvaguarda da identidade nacional francesa. Os pacifistas de ontem se pronunciavam a favor de uma indispensável elevação em massa.

Desde sua constituição, o governo de Defesa Nacional mantinha um equilíbrio de poder sem precedentes com Bismarck. Em 2 de novembro de 1870, Léon Gambetta, exilado em Tours, declarou a Pátria em perigo. A derrota de Sedan e depois o episódio da Comuna reforçaram o receio do desaparecimento de um sentimento nacional francês que era urgente reativar. Eles fizeram nascer na França um patriotismo nunca antes alcançado e que reuniu personalidades como Hyppolite Taine, Jean Macé e Ernest Renan. Por força das circunstâncias, a palavra vingança passou a ser essencial nos debates (Joly, 1999). É, portanto, nesta crise de identidade francesa que se deve compreender as reformas empreendidas no campo da educação física entre 1870 e 1881, reformas cujo objetivo principal era “(...) o fortalecimento da Pátria, tendo a Prússia como modelo” (Caron, 1985, p. 244).

No plano militar, uma das primeiras medidas tomadas foi a promulgação da lei de 27 de julho de 1872, que renovou o princípio do serviço militar obrigatório por um período de cinco anos. As tensões internacionais determinavam que esse recrutamento obrigatório fosse respeitado. Mas, muitos abusos continuaram a ocorrer e culminaram em 1889 com a abolição do voluntariado e a promulgação do serviço militar universal por um período de três anos¹⁴. A consequência essencial dessas duas leis militares foi simbolizada pelo lugar concedido à educação física na construção da identidade masculina francesa. Além disso, essa lei militar, que dotou a França de um exército nacional, modificou as missões da Escola Militar de Joinville, que acabou reabrindo suas portas depois de ver seus quadros mobilizados no conflito franco-alemão. Ela deveria agora acomodar os futuros professores militares e civis de educação física, o que a colocava em uma situação hegemônica e facilitava a disseminação do modelo do cidadão-soldado.

No nível escolar, Jean-Michel Gaillard (2000) acredita que a derrota de Sedan constitui “uma oportunidade” para a escola francesa participar da elaboração e transmissão da identidade nacional. A reforma escolar teve lugar nas lutas pelo poder econômico e militar. O desejo de Michelet agora parecia possível. A Pátria podia ser “sentida na escola” e, para Aimé Dupuy (1975), uma das missões da Escola

¹⁴ Neste ano de centenário da Revolução Francesa, a lei de 15 de julho de 1889 acentuava a importância da ideologia republicana nas mentalidades francesas.

Patriótica era ensinar a vingança. A escola estava, portanto, rapidamente se estabelecendo como um espaço privilegiado para retransmitir e ensinar as crianças a vingança, as futuras forças vivas da nação, futuros vingadores da honra perdida.

Neste culto à Pátria situado no coração da razão escolar, uma obra publicada em 1877 ocupou um lugar especial, pois fixou os marcadores do sentimento nacional. *Le Tour de la France par deux enfants*, escrito por Augustine Fouillée (1877), ofereceu a oportunidade de exaltar o apego à Pátria. Este livro, que vendeu mais de oito milhões de cópias, obteve um sucesso sem precedentes. Enquanto a escola republicana se tornava o cadinho onde se forjava o sentimento de pertença a uma mesma comunidade (Bourzac, 1987), o ensino obrigatório da ginástica francesa participava tanto na construção de uma consciência nacional (Weber, 1983) como na formatação da identidade masculina.

Enquanto as circulares de 17 de maio, 5 de novembro de 1872, 31 de janeiro de 1875 e a instrução de 26 de julho de 1877¹⁵ atestavam o interesse político neste ensino, a definição do “arquetipo do bom cidadão” (Pena-Ruiz, 1999) ocupava todos os espíritos. O francês ideal privilegiava o interesse coletivo sobre o individual e deveria, em todas as circunstâncias, obedecer e servir (Rauch, 2000), de acordo com o modelo de masculinidade hegemônica (Connel, 1987; 1995) desse período. Na sequência da derrota em Sedan e apesar do complexo que gerou na definição da identidade masculina (Roynette, 2000), a instituição escolar se juntou a militar para se tornarem as duas guardiãs da francidade gímnica. Seus funcionários moldaram os espíritos de inúmeras gerações de jovens, prontos para sacrificar suas vidas para defender sua pátria. A forma de expressão mais bem-sucedida desse ideal masculino seria incorporada alguns anos depois pelos *Poilu*¹⁶ da Grande Guerra.

Em 21 de junho de 1871, Léon Gambetta já apelava a este ideal:

Eu não quero apenas que esse homem pense, leia e raciocine, quero que ele seja capaz de agir e lutar. Torna-se preciso colocar em todos os lugares, ao lado do instrutor, do ginasta, do soldado para que nossos filhos, nossos soldados, nossos concidadãos, todos saibam empunhar uma espada, manejar um rifle, fazer longas caminhadas, passar noites sob as belas estrelas, para suportar valentemente todas as adversidades pela Pátria (Gambetta *apud* Arnaud, 1986, p. 232).

Dez anos depois, Jules Ferry juntou-se a ele e emitiu a seguinte posição:

(...) é um trabalho patriótico que perseguimos e prestamos um verdadeiro serviço aos próprios alunos, procurando dar-lhes hábitos viris, familiarizando-os, desde a infância, com o papel que mais tarde terão de cumprir, para iniciá-los nos deveres que espere

¹⁵ Essa instrução modernizou o manual militar de educação física de 1846 e originou o primeiro manual republicano de ginástica escolar em 1881.

¹⁶ *Le Poilu* (O Peludo) foi o nome dado ao soldado do exército francês durante a Primeira Guerra Mundial. Incapaz de se barbear regularmente no campo de batalha, o *Poilu* foi a representação social do soldado barbudo. É antes de tudo o arquetipo do bom cidadão e do jovem dócil e disciplinado, que colocava o interesse coletivo da cidade acima dos seus próprios e que, dependendo das circunstâncias, estava disposto não só a obedecer, mas a servir sua pátria da melhor maneira possível. Era um indivíduo que colocava os deveres coletivos antes dos direitos individuais (Audouin-Rouzeau, 1986).

por eles no regimento. Se, em todas as escolas, a instrução militar fosse dada como desejamos e como solicitamos, os jovens, ao chegarem sob as bandeiras, não teriam mais que completar sua educação militar e assim estaria resolvido o problema da redução serviço militar (Bulletin... 1881, p.127).

Graças à educação física, o exército e a escola consolidaram a identidade nacional ao inculcar os valores da ordem, do rigor, da disciplina e do respeito. Trata-se aqui de construir corpos “docilizados”, onde as crianças caminham passo a passo. Este hino de ordem, polidez e respeito consagra a noção de disciplina ao nível de supra finalidade. O ensino da ginástica, à semelhança do francês ou da história, contribuiu para o processo de aculturação e integração nacional das massas. Essa alfabetização motora duplicou a dos espíritos.

A partir de 1873, para promover este ideal masculino, o exército e a escola receberam o apoio de sociedades ginásticas que se desenvolveram de forma mais importante a partir da criação da União das Sociedades Ginásticas da França (Union des Sociétés de Gymnastique de France - USGF). Em 28 de novembro de 1873, Eugène Paz participou da criação desta união, cujos estatutos imitavam, conforme indica Mamoz (1891, p.108), os das “(...) federações de ginástica de nações estrangeiras que já existiam há muito tempo na Alemanha, Suíça e Bélgica”. Eugène Paz se tornou seu primeiro presidente antes de republicanos moderados e os radicais terem dado a USGF uma orientação patriótica e nacionalista. No início, a USGF pretendia “fazer homens” e promover “o desenvolvimento das forças físicas e morais” (Mamoz, 1891, p.108).

Sob a direção de Joseph Sansboeuf e depois de Charles Cazalet, a instituição visava “aumentar as forças defensivas do país” e “formar bons e sólidos soldados” (Paz *apud* Defrance, 1981, p.206). Nessas condições, as sociedades ginásticas tornaram-se bastiões da masculinidade e contribuíram para o projeto republicano de “nacionalização das massas”¹⁷ como estava acontecendo na Itália. Segundo Jules Simon (1874, p.151), ex-ministro da Instrução Pública, a verdadeira e única educação física a ser ministrada continuava sendo a que visava o endurecimento: “Se a ginástica uma vez ocupar um lugar em nossos hábitos, acabara com a educação preventiva e estaremos entrando decididamente no caminho de uma educação endurecedora”. De forma mais geral, as iniciativas empreendidas na França ecoam daquelas lideradas pelo Segundo Reich, em particular após a 42ª sessão do Reichstag em 24 de maio de 1871, quando a escola se tornou um caldeirão cultural de um sentimento nacional.

De acordo com o trabalho de George L. Mosse, a educação física francesa deu forma a uma imagem ideal do corpo masculino (Wedemeyer, 1994). Segundo Abt *apud* Dreidemy (2006, p.61): “(...) o objetivo final dessa educação ginástica deve estar ao lado do bem-estar físico e mental, a aptidão física necessária para toda a realização do serviço militar. Esta é a nobre tarefa das Turnvereine de nosso país,

¹⁷ Segundo a expressão de George-L. Mosse: A nacionalização das massas, a ginástica, o tiro e a constituição do sentimento nacional na Alemanha (Ehrenberg, 1980).

educar homens íntegros, que em todas as circunstâncias possam intervir pelo bem da Pátria”. Essas primeiras conclusões permitem qualificar a afirmação de Ronald Hubscher de que a militarização da sociedade foi mais forte na Alemanha do que em qualquer outro país. Eles se juntam aos de André Gounot, que mostrou as semelhanças do culto desenvolvido durante as celebrações militares na França e na Alemanha entre 1871 e 1914 (Vogel *apud* Stadium, 2001).

Em 27 de janeiro de 1880, ao tornar a ginástica francesa obrigatória na educação primária e secundária francesa para os jovens meninos antes mesmo da escola ser obrigatória (Andrieu, 1998), Jules Ferry faz do professor um “(...) zeloso auxiliar dos instrutores militares e da própria escola a antecâmara dos quartéis” (Arnaud, 1986, p. 116). De certa forma, pode-se perceber aqui o espectro do professor prussiano que permaneceu nas mentalidades francesa e alemã do período, ou seja, aquele que melhor contribuiu para as vitórias de Sadowa e Sedan¹⁸.

Por esta lei, que marca uma nova etapa desde o decreto imperial de 1869, visto que a derrota de Sedan havia desacelerado parcialmente sua aplicação, o objetivo era aumentar a importância dada à identidade masculina no advento de uma francidade gímnica. Isso acentuou a vontade política de erguer um serviço público de educação na França, principalmente para meninos. A Ligue Française de l'Enseignement aproveitou a oportunidade para lançar no mesmo ano uma subscrição nacional para o desenvolvimento da educação cívica e militar para jovens não-escolarizados. O objetivo era de “(...) educar não somente cidadãos, mas também soldados e formar gerações saudáveis, alertas, vigorosas, capazes de defender a pátria” (Archives..., 1880, p.8).

Sem responder totalmente ao desejo de Eugène Paz emitido em 1868¹⁹, nem ao de Charles Euler dois anos depois²⁰, a lei George se inscreve plenamente nos debates europeus da época (Mangan, 2004). Poucos meses depois, a circular enviada aos Reitores em 7 de julho de 1880, relativa à educação física e higiene nos liceus e faculdades, confirmou as ambições políticas dos republicanos. Esta circular específica em particular que “(...) as associações escolares de jogos e esportes contribuem pela ocupação são que darão ao corpo e a imaginação, para prevenir ou dissipar qualquer mau espírito ... e farão sentir a

¹⁸ Yves Joseleau (1972, p.22), também cita o decreto prussiano de 6 de julho de 1871, segundo o qual “(...) as qualidades extraordinárias que nosso exército mostrou durante a última guerra, seu vigor infatigável na marcha, a agilidade com que, em um país inimigo, superou todos os obstáculos naturais e artificiais, sua coragem e seu sangue-frio no combate, sua constância em suportar privações e sofrimentos, devem ser atribuídos em grande parte à instrução ginástica dos soldados, primeiro nas escolas, depois no regimento”.

¹⁹ “Os alemães do norte identificaram sua ginástica tanto com o sentimento de patriotismo, que a abertura das aulas e todas as marchas são feitas com o sotaque marcial das canções nacionais. Como é possível que tal educação não nutra generosamente o amor à terra natal e não dê à luz a homens capazes de defendê-la até a última gota de seu sangue?” (PAZ, 1868, p.14).

²⁰ “Porque o jovem, na Alemanha, principalmente na Prússia, é disciplinado pela ginástica e pela educação, o Ministro da Guerra encontra um pano de fundo sobre o qual ele só tem que completar a instrução, porque o jovem chega saudável e robusto, bem-educado e educado no serviço militar. Nos Estados de raça latina, encontramos bem pouco desse sistema e nem mesmo de todo”. (Euler, 1870, p.24).

necessidade da regra” (Bulletin...,1880, p.4). Este é um dos primeiros textos que regulamentaram na escola práticas corporais diferente daquelas relativas a ginástica e aos exercícios militares.

Por sua vez, a USGF permaneceu vigilante para complementar este sistema caso a instituição de ensino se revelasse incapaz de colocar em prática suas generosas intenções educativas. Dentro desta instituição, Charles Cazalet esteve muito atento a tal questão. Ele estava à altura do desafio a fim de não experimentar as mesmas desilusões da década anterior. Essa atitude, aliás, não foi surpreendente porque, como lembra o General Chanzy, Embaixador da França em São Petersburgo em seu despacho de 23 de janeiro de 1880, a agitação alemã sobre as “(...) pretendidas medidas militares (...) excitam as imaginações e obviamente preocupam nosso governo” (Archives...,1880, p.50).

Ao seguir a Lei George de 27 de janeiro de 1880, a maioria dos Hussards Negros da República se engajaram na formação física e moral dos jovens franceses. Sua adesão ao tipo ideal masculino da época era algo inquestionável, como lembra o testemunho de E. Lepelletier apud Joseleau (1972, p.115), “(...) o livro e o fusil, é com isso que a Alemanha nos derrotou em 1870, é isso que temos que aprender agora para defender a república e a pátria”.

Conclusão

No rescaldo das derrotas de Sadowa e Sedan, apesar da complexidade que elas geraram na definição da identidade masculina francesa, a escola juntou-se ao exército para se apresentar como instituições guardiãs de uma francidade gímnica, que ficava no meio do caminho entre a tradição e a modernidade.

Fortemente dependente das rivalidades internacionais, a contribuição da ginástica na França para a definição de uma nova masculinidade não estava mais em dúvida, especialmente entre os oportunistas republicanos. Nesse contexto de crise, Eugène Paz e Jean-Baptiste Hillairet desempenharam um papel determinante ao reivindicarem a utilidade escolar, social e geoestratégico da ginástica viril e nacional. De forma mais geral, essas iniciativas se inscreveram em um novo contexto que permitiu compreender melhor por que a educação física obrigatória estava se tornando, na França, uma solução original para responder à redução do tempo de serviço militar.

Por fim, a par destes indicadores nacionais, a história das relações internacionais oferece aqui novas chaves de compreensão, na medida em que o advento desta francidade gímnica assumiu todo o seu sentido no que se refere às relações franco-alemãs, que constituíram o estopim essencial de uma consciência nacional que promoveu um novo tipo masculino ideal em território francês.

Referências

- ANDRIEU, G. (1998). La loi du 27 janvier 1880. In : Arnaud, Pierre (ed.). Une histoire de l'éducation physique, enseignements primaire et secondaire, 1880-2000. **Spirales**, Lille, v. 1, n. 13-14, p. 105-115.
- ANDRIEU, G. (1999). **La gymnastique au XIX^e siècle ou la naissance de l'éducation physique (1789-1914)**. Paris: Actio.
- ARCHIVES départementales de l'Allier, Circulaire du 9 mars 1869, Bulletin administratif de la Préfecture, n°18. Allier: Serie T, 1869.
- ARCHIVES du MAE, ambassade de France à Berlin, correspondance 1869, dossier 75, dépêche du 23 janvier 1880, p.50
- ARCHIVES Nationales, F 176817, Ligue Française De l'Enseignement, 1880, p.8
- ARMENGAUD, A. (1962). **L'opinion publique en France et la crise nationale allemande**. Paris: Les Belles Lettres.
- ARNAUD, P. (1986). **Le sportman, l'écolier, le gymnaste**: la mise en forme scolaire de la culture physique. 1986. 1150 f. Tese (Doutorado) - Thèse Pour Le Doctorat D'état, Université Lyon 2, Lyon.
- ARNAUD, P. (1988). La trame et la chaîne, le réseau des sociétés conscriptives (1870-1890),. **Sport Histoire**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 41-83.
- ARNAUD, P. (1991). **Le militaire, l'écolier, le gymnaste, naissance de l'éducation physique en France (1869-1889)**. Lyon: Pul.
- ARON, R. (1984). **Paix et guerre entre les nations**. Paris: Calmann-Lévy.
- AUDOUIN-ROUZEAU, S. (1986). **Les combattants des tranches**. Paris : Armand Colin.
- BOURZAC, M. (1987). L'école patriotique. In: ARNAUD, P. **Les athlètes de la république**: gymnastique, sport et idéologie républicaine 1870-1914. Toulouse: Privat. p. 30-39.
- BRÉAL, M. (1872). **Quelques mots sur l'instruction publique en France**. Paris: Hachette.
- BULLETIN administratif de l'instruction publique. 29 mars 1881, p.127.
- BULLETIN administratif du ministère de l'instruction publique, n°913 du 17 juillet 1880, p.4
- BUSSARD, J-C. (2007). **L'éducation physique suisse en quête d'identité (1800-1930)**. Paris: L'Harmattan.
- CARON, F. (1985). **La France des patriotes**. Paris: Fayard.
- CONNELL, R-W. (1987). **Gender and Power**: society, the person and sexual politics. Cambridge: Polity Press.
- CONNELL, R-W (1995). **Masculinities**. Berkeley And Los Angeles: The University Of California Press.
- DEFRANCE, J. (1981). Eugène-Moïse Paz (1835-1901). In: ARNAUD, Pierre (org.). **Le corps en mouvement**.: précurseurs et pionniers de l'éducation physique. Toulouse: Privat. p. 203-208.

- DELHEYE, P. (2003). La Patrie régénérée ? In: SIMONET, P.; VERAY, L. (orgs.). **L'empreinte de Joinville, 150 ans de sport**. Paris: Insep. p. 335-357.
- DENIS, D. (2003). **De la volonté de transformer l'institution scolaire.**: hypothèses d'école sur l'immobilité et le mouvement (1878-1911). Tese (Doutorado) - Mémoire Pour L'habilitation À Diriger Des Recherches, Université Descartes.
- DREIDEMY, E. (2006). Le Turnen annexé, entre germanisation et républicanisation (1870-1890). **Mémoire de Recherche En Staps**, Lyon, v. 1, n. 1, p. 61.
- DUPUY, A. (1975). **Sedan et l'enseignement de la Revanche**. Paris: Inrp.
- EHRENBERG, A. (comp.). (1980). Aimez-vous les stades ? **Revue Recherches**, Paris, v. 1, n. 43, p. 59-74.
- EHRENBERG, A. (1983). **Le corps militaire, politique et pédagogie en démocratie**. Paris: Aubier.
- EULER, C. (1870) **La défense de la Patrie fondée sur l'école**. Bruxelles: Kiessling & Cie.
- FOUILLÉE, A. (1877). **Le Tour de la France par deux enfants: devoir et patrie**. Paris: Belin Frères.
- GAILLARD, J-M. (2000). **Un siècle d'école républicaine**. Paris: Seuil.
- GAL, L. (1984). **Bismarck, le Révolutionnaire blanc**. Paris: Fayard.
- GIRARD, L. (1986). **Napoléon III**. Paris: Fayard.
- GIRARDET, R. (1966). **Le nationalisme français**. Paris: Seuil.
- HILLAIRET, J-B. (1869). Rapport sur l'enseignement de la gymnastique dans les lycées, collèges, écoles normales et écoles primaires. **Bulletin Administratif Du Ministère de L'Instruction Publique N. 201**. Paris, p. 279-346. 15 dez.
- HUBSCHER, R. DURRY, J. (1992). **L'histoire en mouvements**. Paris: A. Colin.
- JOLY, B. (1999). La France et la Revanche 1871-1914. **Revue D'histoire Moderne Et Contemporaine**, Paris, v. 2, n. 46, p. 325-347.
- JOSELEAU, Y. (1972). **Le rôle de l'armée dans l'évolution de l'enseignement des activités physiques en France du milieu du XIXe siècle à la fin de la Première Guerre mondiale**. Paris: Insep.
- KERAUTRET, M. (2005). **Histoire de la Prusse**. Paris: Seuil.
- LENOËL, L. (1867). **Traité théorique et pratique de gymnastique**. Paris: A. Durand.
- LESTOCQUOY, J. (1968). **Histoire du patriotisme en France.**: des origines à nos jours. Paris: A. Michel.
- LIPIANSKY, E-M. (1991). **L'identité française, représentations, mythes, idéologies**. La Garenne Colombes: Éditions de L'espace Européen.
- MAMOZ, D. (1891). **De la gymnastique en France au XIXe siècle**. Angoulême: S/I.

- MANGAN, J-A. (2004).. Militarism, Sport, Europe. **The European Sports History Review**, [S.L.], v. 1, n. 5, p. 1-12, 2.
- MAUGUE, A. (1987). **L'identité masculine au tournant du siècle**. Paris: Rivages-Histoire.
- MAYEUR, J-M. (1984). **La vie politique sous la Troisième république (1870-1940)**. Paris: Seuil.
- MOSSE, G. L. (1997). **L'Image de l'homme. L'invention de la virilité moderne**. Paris: Abbeville-Tempo.
- PAZ, E. (1868). **La gymnastique obligatoire**. Paris: Hachette, 1868.
- PAZ, E. (1869). **Rapport à son Excellence M. Duruy**.
- PÉCOUT, G. (1990). Les Sociétés de tir dans l'Italie unifiée de la seconde moitié du XIXe siècle. **Mélanges de L'école Française de Rome. Italie Et Méditerranée**, [S.L.], v. 102, n. 2, p. 533-676. PERSEE Program.
- PENA-RUIZ, H. (1999). **Dieu et Marianne: philosophie de la laïcité**. Paris: Puf.
- POIDEVIN, R.; BARIÉTY, J. (1977). **Les relations franco-allemandes 1815-1975**. Paris: A. Colin.
- RAUCH, A. (2000). **Le premier sexe.: mutations et crise de l'identité masculine**. Paris: Hachette.
- RENOUVIN, P. (1954). (org.). **Histoire des relations internationales**. Paris: Hachette.
- RIORDAN, J.; KRÜGER, A.; TERRET, T. (2004). **Histoire du sport en Europe**. Paris: L'Harmattan.
- ROYNETTE, O. (2000). **Bons pour le service, l'expérience de la caserne en France à la fin du XIXe siècle**. Paris: Belin.
- SIMON, J. (1874). **La réforme de l'enseignement secondaire**. Paris: Hachette.
- STADIUM. (2001). **Le sport en France**.
- TERRET, T. (2004). Sport et masculinité: une revue de questions. **Staps**, Paris, v. 1, n. 66, p. 209-225.
- THIESSE, A-M. (1999). **La création des identités nationales**. Paris: Seuil.
- WEBER, E. (1983). **La fin des terroirs, la modernisation de la France rurale**. Paris: Fayard.
- WEDEMEYER, B. (1994). Body-building or man in the making: aspects of the german bodybuilding movement in the kaiserreich and weimar republic. **The International Journal of the History of Sport**, [S.L.], v. 11, n. 3, p. 472-484.